

O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

*Frans Leonard Schalkwijk**

RESUMO

João Calvino era um refugiado da crescente perseguição contra os evangélicos na França. Quando a cidade de Genebra se libertou do Duque de Savóia, ela se tornou um “cantão” de língua francesa da Confederação Helvética, Suíça (1531). Cinco anos depois, a fé protestante foi adotada e a cidade se tornou um refúgio para muitos franceses, sendo Calvino um deles (1536). Cerca de vinte anos depois quase não havia lugar para tantos refugiados. Calvino soube que a França havia estabelecido uma colônia na baía da Guanabara (1555) e certamente percebeu uma oportunidade para seus conterrâneos perseguidos. Quando o almirante Gaspar de Coligny enviou um pedido de mais colonos, o conselho da Igreja Reformada de Genebra atendeu com entusiasmo e quatorze pessoas aceitaram o desafio, entre elas dois pastores (1557). Ao chegarem à “França Antártica,” o líder da novel colônia, Villegagnon, os recebeu muito bem. Todavia, em pouco tempo mudou de posição, sem dúvida devido a notícias que chegaram da França de que a corte e a igreja romana haviam intensificado a perseguição contra os “luteranos”. Ele então expulsou os huguenotes da colônia, executando três deles depois de declararem sua fé na conhecida “Confissão Fluminense” (1558). O alvo deste artigo não é descrever esta história, mas procurar as referências a ela que se encontram na correspondência recebida ou enviada por Calvino. Este mantinha uma vasta correspondência, inclusive com pastores na França. Será que nas cartas preservadas há alusões ao Brasil, direta ou indiretamente? De fato, existem onze cartas em que aparecem breves referências a esse episódio,

* O autor é ministro da Igreja Reformada da Holanda e professor visitante do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. Obteve o grau de mestre em teologia pelo Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids, Michigan, e o de doutor em história pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo.

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

mas o resultado da procura é pobre. Assim mesmo, elas são interessantes. Entretanto, essas referências (geralmente breves e em latim), não são facilmente acessíveis ao pesquisador brasileiro. Daí serem fornecidas aqui em português. Além dessas referências foram incluídos alguns trechos que ilustram o contexto dessas mensagens, especialmente no que se refere às perseguições na França e à débil saúde de Calvino.

PALAVRAS-CHAVE

França Antártica; huguenotes; Igreja Reformada; Calvino; Richier; Chartier; perseguição.

INTRODUÇÃO

A história da França Antártica e dos huguenotes com a sua *Confissão Fluminense* é bem conhecida, mas as cartas de Calvino sobre o assunto, nem tanto.¹ Essas cartas, ainda não publicadas em português, são subsídios valiosos para esta parte da historiografia colonial, e constituem o tema deste artigo.² Infelizmente, várias cartas se perderam.

No início do reinado de Dom Sebastião de Portugal (1557-1578), o Brasil enfrentava a tentativa francesa de ocupar uma parte do continente na região do Rio de Janeiro. A expedição, patrocinada pelo rei Henrique II da França (1547-1559), foi chefiada por um aventureiro, o vice-almirante Nicolas Durand de Villegagnon.³ A expedição chegou à Guanabara em 1555 com muitos desordeiros,⁴ mas o líder procurou elevar o nível moral e religioso da novel colônia. No ano seguinte, com o apoio do almirante francês Gaspard de Coligny e do pastor genebrino João Calvino,⁵ também seguiram catorze cristãos reformados, os chamados huguenotes da França, entre eles

¹ Este artigo não poderia ter sido escrito sem a valiosa colaboração do Rev. Celso Dias Alves e do Prof. Antônio Lima, ambos de Governador Valadares, MG. Sou grato ao Rev. Celso pelas suas pesquisas acerca das cartas de Genebra e ao Prof. Antônio pela sua tradução excelente das mesmas, possibilitando a primeira publicação dessas cartas em português.

² Outras informações podem ser encontradas nas atas do Conselho da Igreja Reformada e do governo civil de Genebra. Cf. KINGDON, Robert M., et al. *Registers of the Consistory of Geneva in the Time of Calvin*, Vol. 1: 1542-1544. Grand Rapids: Eerdmans, 2000. A edição francesa contém 21 vols!.

³ Outra grafia encontrada nas fontes é Villegaignon. Foi colega de estudos de Calvino.

⁴ Com a permissão do rei, Villegagnon levou jovens de várias prisões francesas (*Opera Omnia* nº 2612, nota 4: “qui n'estoient pas trop viels ni caduques”).

⁵ A carta-pedido original não se preservou, mas o resultado mostra a intenção. H. H. Esser, “Das Brasilianische Glaubensbekenntnis im Zusammenhang der frühhugenottischen Immigration und Siedlungspolitik Colignys 1555 bis 1558”, in J. Langhoff e J. Rogge, *Immigration und Emigration – die calvinistische Einwanderung und Auswanderung in Mitteleuropa*. Beiträge des II. Kongresses für Calvinforschung in Mittel- und Osteuropa, 9/1984, Berlin (S.l.: Wichern Verlag, 1985), n. 11. Há uma excelente cronologia nas pp. 139-146.

dois pastores entusiastas, Pierre Richer (ou Richier) e Guillaume Chartier.⁶ Outro participante foi o sapateiro e estudante de teologia Jean de Léry, o cronista que posteriormente publicaria uma interessante narrativa dessa “Viagem à Terra do Brasil”,⁷ e que também, no ano de 1558, entregaria ao impressor João Crespin, de Genebra, a triste história dos mártires e o texto da sua confissão de fé.⁸

Os calvinistas deram os primeiros passos para organizar uma igreja cristã reformada na Guanabara; entretanto, depois de uma discordância sobre a natureza da Santa Ceia e outras questões, Villegagnon os expulsou em janeiro de 1558. No mês seguinte, executou três deles que haviam retornado à colônia (09/02/1558), após obrigá-los a declarar a sua fé no documento que ficou conhecido como a “Confissão Fluminense” ou “Confissão da Guanabara”.⁹ Um dos franceses, chamado Jacques le Balleur, conseguiu escapar e pregou aos índios tamoios, mas foi preso em São Vicente. Dez anos mais tarde foi enforcado no Rio de Janeiro (com uma certa ajuda do padre José de Anchieta).¹⁰

Há diferenças sobre a interpretação desse período,¹¹ porém, sem dúvida

⁶ No original Richerius e Charterius, na tradução Richério e Chartério. Chartier ou Quadrigarius (referindo-se ao conjunto ou charrete com quatro cavalos um ao lado do outro), natural de Vitre, Bretanha, França.

⁷ de LÉRY, Jean. *Viagem à Terra do Brasil*. Trad. S. Milliet. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. Foi publicado em 1578 como *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, 2ª ed. Genebra, 1580, e republicado com introdução, anotações e cronologia por F. Lestringant. LESTRINGANT, F. ‘L’excursion brésilienne: note sur les trois premières éditions de l’*Histoire d’un voyage* de Jean de Léry (1578-1585)’, in F. Lestringant e M. C. Gomez-Géraud, *D’encre de Brésil. Jean de Léry, écrivain*. Orléans: Paradigme, 1999, pp. 13-38. Jean de Léry (1534-1613) foi cavaleiro maltês antes da conversão, estudante de teologia em Genebra (1555), sapateiro no Brasil e depois ministro do evangelho na França (cf. William Carey). Para as suas anotações etnográficas usou “d’encre de Brésil”, tinta vermelha feita de pau-brasil.

⁸ Léry foi autor da *Viagem* e das informações incluídas no livro dos mártires de Crespin (v. nota 9). A Confissão foi levada por “pessoas fidedignas” que chegaram uns quatro meses depois de Léry, entregando-a, bem como todo o processo contra os mártires, ao Sr. Du Pont, em Paris, de quem Léry o recebeu mais tarde (*Viagem*, 245).

⁹ Confissão Fluminense (1558; 17 artigos). In Jean Crespin, *Histoire des vrais tesmoins de la vérité de l’évangile*. Genève: Crespin, 1570; reimpressão Liège: Halkin, 1964, pp. 462-463v. Tradução de Domingos Ribeiro, *Origens do evangelismo brasileiro*. Rio de Janeiro, Apollo, 1937, pp. 39-47. SILVA, Fólton N. Principais Doutrinas da Confissão de Fé da Guanabara, diss. Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, São Paulo, 1988. Sobre a Confissão no contexto da migração calvinista, cf. ESSER, ‘Glaubensbekenntnis’, pp. 138-157 (nota 5).

¹⁰ Cf. REIS, Álvaro. *O Mártir Le Balleur, 1567*. Rio de Janeiro, 1917, inclusive sobre a provável ajuda do padre José de Anchieta na execução mais rápida da sentença contra Balleur.

¹¹ THEVET, André. *Le Brésil d’André Thevet. Les Singularités de la França Antarctique (1557)*. Edition intégrale établie, présentée et annotée par F. Lestringant. Paris: Éd. Chandeigne, 1997. Ainda LESTRINGANT, F. *L’expérience huguenote au nouveau monde*. Genève: Droz, 1996, sobre ‘Genève et l’Amérique: le rêve du Refuge huguenot au temps des guerres de Religions, 1555-1600’, pp. 29-40, e ‘La France Antarctique’, pp. 41-188. McGRATH, J. ‘Polemic and History in French Brazil, 1555-1560’, in *Sixteenth Century Journal* 27/2 (1996), pp. 385-397.

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

Calvino tinha um vivo interesse pela França Antártica,¹² esperando, como o almirante Coligny,¹³ que se tornasse um refúgio americano para seus conterrâneos perseguidos. Provavelmente uma tentativa na região do atual Uruguai teria sido mais duradoura, como área de choque entre as possessões portuguesas e espanholas. Se tivessem conseguido, teria sido um abrigo francês na América do Sul cerca de sessenta anos antes dos “Pais Peregrinos” ingleses, na América do Norte. As informações contidas na correspondência de Calvino preservada na grande coleção *Opera Omnia* refletem esse interesse do reformador.¹⁴ Os onze documentos datam de março de 1557 (carta nº 2609) a julho de 1560 (nº 3229), ou seja, desde o início da igreja reformada no Brasil até dois anos e meio após a expulsão dos huguenotes. Calvino faleceu em 1564, pouco antes da expulsão final dos franceses da Terra de Vera Cruz (1565).

Não devemos pensar que todas essas onze cartas em *Opera Omnia* foram escritas por Calvino. Aliás, somente duas o foram (nº 2814 e 2833); as outras têm autores diferentes. Mas todas elas passaram pelas mãos de Calvino, que mantinha uma vasta correspondência. Sete delas foram dirigidas diretamente a ele (nº 2530, 2612, 2613, 2826, 2838, 2841 e 2850), além de uma com endereço incerto (nº 2609), e outra aos líderes de Genebra (nº 3229). Três delas foram escritas diretamente do Brasil, duas pelos pastores (nº 2609 e 2613) e uma por Villegagnon (nº 2612).

Nem ainda devemos pensar que as onze cartas tratam integralmente do Brasil, pois, em geral, contêm informações e perguntas sobre muitos outros assuntos e pessoas. Entre esses dados diversos se encontram algumas referências a assuntos brasileiros, às vezes com poucas palavras (nº 2850). Somente quatro documentos tratam integralmente do Brasil, a saber, a carta do pastor Richer (obviamente um dos seus primeiros relatórios depois da chegada ao Brasil, nº 2609), a dos pastores Richer e Chartier (nº 2613) e finalmente as duas do governador Villegagnon (nº 2612 e 3229; os trechos “brasileiros” foram sublinhados nas outras sete cartas). Assim, seria melhor não falarmos em “cartas de Calvino sobre o Brasil”, e sim sobre “informações a respeito do Brasil contidas na correspondência de Calvino”.

Segue agora a tradução dos trechos dessas cartas que são de interesse para a história colonial brasileira, precedidos por algumas linhas introdutórias

¹² REVERDIN, O. *Quatorze Calvinistes chez les Topinambous. Histoire d'une mission genevoise au Brésil. 1556-1558*. Genève: Journal de Genève/Droz, 1957.

¹³ Carta de Calvino a Coligny (na prisão), 04/09/1558, in *Opera Omnia* nº 2950 (nº 2951 a Madame De C. 04/09/1559), nota 4: “ce fut lui [Coligny] qui provoqua l'expédition de Villegagnon au Brésil, pour y créer un asyle aux victimes de la persécution”.

¹⁴ CALVINUS, I. *Opera Omnia* (Braunschweig, 1876ss), tXVI: cartas 2530, 2609, 2612, 2613; tXVII: cartas 2814, 2826, 2833, 2838, 2841, 2850; t XVIII: carta 3229. Nº = número da carta in *Opera Omnia*. Para entender melhor certas palavras nos escritos de Calvino, v. *Glossaire. Dictionnaire des locutions obscures et des mots vieilles qui se rencontrent dans les oeuvres de Jehan Calvin (1855; Genève: Slatkine Reprints, 1968)*.

para se entender melhor o contexto em que foram escritas, que é de perseguição crescente dos evangélicos na França.

1. DE GALÁSIO A CALVINO (Nº 2530) – GENEBRA, 16/09/1556

No mês de setembro de 1556, quanto Calvino se encontrava em Frankfurt, na Alemanha, seu colega e secretário Nicolau Galásio¹⁵ enviou-lhe uma carta dando notícias de alguns acontecimentos na cidade de Genebra. Ele sabia que Calvino sempre estava muito interessado em tudo o que ocorria na cidade em que Deus o tinha colocado como um dos pastores líderes. Assim, assemelhava-se ao apóstolo Paulo com seu cuidado constante pela igreja de Deus (2Co 11:28).

O primeiro tópico que o pastor Nicolau menciona é o Brasil (ver linhas sublinhadas no texto da carta). Os dois pastores que iriam para a França Antártica estavam prestes a partir de Genebra para Paris, mas a viagem teve de ser postergada por um dia devido a uma violenta diarreia, tão comum naqueles dias, que atacou o líder do grupo, o idoso fidalgo Pontano (Philippe de Corguilleray, dito du Pont), velho amigo de Coligny. Felizmente, em pouco tempo ele se sentiu melhor e o grupo partiu no dia seguinte. Sabemos que, depois de passarem por Paris, eles foram para o porto de Honfleur, na desembocadura do rio Sena, onde o sobrinho de Villegagnon, o vice-almirante Boisle-Conte, esperava como comandante da viagem. Finalmente, partiram no dia 19 de novembro de 1556 em três navios, com umas 300 pessoas a bordo.

Na mesma carta, Galásio informou a Calvino que haviam recebido uma carta dos valdenses informando que a obra do Senhor estava progredindo na região dos Alpes. Galásio gostaria de ter anexado essa interessante carta, mas não pôde fazê-lo porque a mesma deveria ser apresentada na próxima reunião do Conselho da igreja. É que os piemonteses estavam solicitando o envio de um pastor, sugerindo o nome de Dupuis(?), fundador de uma escola. Isso mostra como seria importante a Academia de Genebra, que seria fundada por Calvino em 1559 exatamente para este fim, preparar futuros pastores e professores para as congregações dispersas.

O pastor (*dominus*) Pedro Viret estava em Genebra e havia ficado enfermo, mas já estava melhor e voltaria em breve para a sua família em Lausanne. Em geral, a disenteria e a febre afligiam muitos habitantes de Genebra, chegando a causar a morte de pessoas conhecidas, como o senador Chamois. Esses flagelos também causavam muita pobreza, mas os governantes decidiram ajudar com alimentos e outros recursos não somente os cidadãos de Genebra, mas também os muitos refugiados residentes na cidade, que estava tão abarrotada a ponto de o autor da carta se queixar de falta de privacidade.

¹⁵ Nicolas des Gallars, pastor em Genebra (1544), Paris, Londres e Orléans; secretário, tradutor (francês_latin) e amigo íntimo de Calvino. E. Doumergue, *Jean Calvin. Les hommes et les choses de son temps* (Lausanne: Bridel, 1899-1927, 7 vols.), v. 3, p. 597ss.

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

CARTA 2530 – GALÁSIO A CALVINO

Ao exímio servo de Cristo, Sr. João Calvino, fidelíssimo pastor e pai da Igreja de Genebra e confrade respeitabilíssimo.

Embora minha carta não possa chegar onde estás agora, pensei, todavia, que te será agradável se durante a viagem te chegar às mãos. Sei efetivamente que sempre pensas sobre o estado de nossas coisas em qualquer lugar que estejas e queres conhecê-lo. Richério e Quadri-gário [Richer e Chartier] com Pontano [Du Pont] viajaram no oitavo dia deste mês com o mesmo entusiasmo de antes. Pontano fez transferir por um dia a viagem deles, porque acometido repentinamente de disenteria, não poderia enfrentar os incômodos da viagem...

Os irmãos piemonteses nos escreveram dizendo que tudo está bem com eles e que o reino de Cristo é promovido todos os dias. Eu te enviaria a carta se não tivesse de ser apresentada aos irmãos no próximo encontro. Pois eles pedem que lhes seja enviado algum ministro e se mostram propensos para Puisium, o qual abriu uma escola em Ius-siace...

Dominus Vireto, bastante melhor com a graça de Deus, breve retornará para os seus. Diarréia e febre sempre nos atormentam. Elas nos levaram Macrino, Francisco Chamois e muitos outros. O senado decretou de boa vontade a doação de alimentos e outros recursos necessários aos doentes pobres, não somente aos da terra, mas também aos estrangeiros. Eu pensava que afinal iria viver mais a sós e livre. Mas a esperança é pequena. Na verdade, não obstante tudo o que pode ser por nós dito em público no senado ou em particular, resolveram vender a casa de Macrino em hasta pública. Que o Senhor os dirija e te reconduza são e salvo. Saúde. Saudações a todos que estão contigo. Genebra, 16 de setembro de 1556. Respeitosamente

Nicolau Galásio.

2. DE RICHER A DESCONHECIDO (Nº 2609) – FRANÇA ANTÁRTICA, 31/03/1557

O pastor Richer, já com 50 anos de idade, ex-monge carmelita e doutor em teologia, escreveu esta carta do Brasil, mas não colocou o nome do destinatário. Entretanto, visto que ele foi comissionado pela igreja de Genebra, provavelmente foi enviada a alguma pessoa dessa cidade, talvez ao próprio Calvino, uma vez que foi preservada na coleção de Beza.¹⁶ Richer escreveu esta carta (nº 2609) pouco mais de três semanas após a sua chegada à “Ilha de Coligny” (atual ilha de Villegagnon), na Baía de Guanabara, e um dia antes de elaborar um relatório com o seu colega Chartier (nº 2613). Por isso, o editor da coletânea indicou o conteúdo como “primícias brasileiras”.

¹⁶ Servavit Beza ed. Genev. p. 195 (anotação no cabeçalho da carta nº 2609 na *Opera Omnia*).

A “oportunidade” (para o envio da carta), de que ele fala, certamente foi a partida de um dos navios para a França. Richer conta que, depois de uma longa e perigosa viagem (de três meses e meio),¹⁷ eles chegaram sãos e salvos ao seu destino. No dia seguinte, Villegagnon pediu que houvesse pregação da palavra de Deus e, uma semana depois, a celebração da Santa Ceia, da qual ele participou depois de confessar a sua fé (21/03/1557).

Richer menciona alguns alimentos indígenas como milho, figos silvestres e farinha de mandioca, mas não há algo para fazer pão nem vinho. Entretanto, como os outros colonos, ele está com saúde naquele clima agradável. Preocupa-se muito com a barbárie dos nativos. Não somente a antropofagia, mas especialmente a cegueira ética e espiritual. Reconhece, porém, que precisam esperar até que possam entender a língua indígena. Para isto, o governador confiou uns jovens aos nativos, mas Richer ora para que isto não coloque em perigo as suas almas. Ele compara a situação espiritual do Brasil de então com a “Iduméia”, lembrando-se da região ao sul do mar Morto, a terra do Edom, dos descendentes de Esaú, para Israel um símbolo de afastamento de Deus (cf. 1Sm 22:18; Ml 1:4). Ao mesmo tempo, ele ora para que essa terra “um dia pertença a Cristo”.

CARTA 2609 – RICHER A DESCONHECIDO

A graça e a paz de Deus por Jesus Cristo.

Não quis perder esta oportunidade, irmão, para te dar notícias sobre nossos interesses. Antes de tudo gostaria de fazer conhecer o benefício que recebemos do Senhor até agora, para que juntamente conosco lhe possas render graças. Na verdade, Ele por sua bondade cuidou tanto de nós que, através de tantos perigos por terra e por mar, nos conduziu todos sãos e incólumes até o porto. Satanás, com certeza, como lhe é peculiar, nos expôs a vários perigos durante a viagem; mas, como filhos (embora indignos desse nome), sentimos sempre o auxílio da mão de tão grande Pai e que Ele por sua bondade mostra cada vez mais em nosso favor. No dia seguinte depois que desembarcamos, Villegagnon quis que fosse pregada publicamente a palavra de Deus; depois, na semana seguinte pediu para que fosse celebrada a sagrada ceia de Cristo, da qual ele com alguns dos seus participou religiosamente, depois de confessar a sua fé com grande edificação da igreja. O que poderia acontecer de melhor para a nossa instituição? O que finalmente poderia responder melhor a nossas aspirações do que aparecer diante de nós com tais sinais a verdadeira igreja? Aquele benigno e soberano Pai se dignou favorecer-nos com tais benefícios. Esta região, inculta de poucos habitantes, não produz nada que os nossos desejem saborear. Para os nativos produz milho, figos silvestres e umas

¹⁷ Carta nº 2613: 07/03/1557. Léry, *Viagem*, 07/03/1557 (p. 78).

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

raízes com as quais fazem farinha para alimentação. Não tem pão, não produz vinho nem coisa parecida com vinho. De mais a mais, nem fruto (por quanto eu saiba) de nosso uso. Todavia, estamos bem e com saúde: melhor, para dar meu próprio exemplo, estou com mais saúde que de costume, e isto é comum a todos os outros. Um médico atribuiria isso ao ar, que é tão temperado que corresponde ao nosso mês de maio. Mas para evitar qualquer grave ofensa ao Senhor, que é o maior e o melhor, direi o que sinto. Desse modo aquele celeste e bom Pai expressou para nós o seu afeto paterno, Ele que numa terra tão bárbara e tão agreste nos mostra o seu favor a ponto de experimentarmos que a alimentação do homem não depende do pão e sim da palavra de Deus, cujo favor nos é toda a delícia aqui. Ha uma coisa que não pouco nos atormenta e angustia, a saber, a barbárie do povo, tão grande que não pode ser maior. Não me refiro à antropofagia, que é a coisa mais vulgar para eles; mas eu lamento a estupidez da sua mente, palpável até no meio das trevas. Eles desconhecem totalmente o sentido ético do mal, não distinguem o bem do mal; finalmente, os vícios que a natureza reprova nos outros povos, eles cultivam em lugar da virtude: nem sequer compreendem a torpeza dos vícios, a tal ponto que pouco se distinguem dos brutos. De mais a mais, nem sabem se Deus existe, tão longe estando assim de observarem a sua lei ou admirar seu poder e bondade. Com isso, perdemos de todo a esperança de os lucrar para Cristo e isso é o pior que suportamos. Ouço na verdade alguém objetar logo que eles são como uma pedra onde nada está escrito, que pode ser assim pintada com suas cores, que nada há de contrário a esse esplendor das cores naturais. Mas que se tenha em vista a dificuldade acarretada pela diversidade dos idiomas. Acrescente-se que nos faltam intérpretes fiéis ao Senhor. Propusemo-nos valer-nos da cooperação e da habilidade deles, mas descobrimos que eles mesmos eram membros de satanás, para os quais nada é tão odioso quanto o santo evangelho de Cristo. Portanto, vale a pena parar e esperar pacientemente, até que os jovens que o Sr. de Villagagnon confiou aos bárbaros desta pátria para que os instruassem, consigam entender a língua natural deles. É para isso que os freqüentam e ficam com eles. Queira Deus que isso não seja de perigo para suas almas. Pois, incumbindo-nos o Senhor dessa tarefa, esperamos que esta Iduméia pertença algum dia a Cristo. Enquanto isso, aguardamos mais gente, com cujo contato se forme esta nação bárbara e ao mesmo tempo nossa igreja se incremente. Se houvesse muita gente, nós teríamos aqui abundância de todos os bens. Pois aquilo que faz nossa colheita ser fraca e pobre é a escassez de habitantes e o agricultor sonolento. Mas o Altíssimo proverá a tudo. Nós ardentemente queremos recomendar-nos às preces de todas as igrejas de nossa terra. Da França Antártica, 31 de março de 1557. Do teu Richério.

3. DEVILLEGAGNON A CALVINO (Nº 2612) – FRANÇA ANTÁRTICA, 31/03/1557

Calvino havia escrito pelo menos duas cartas a Villegagnon na França Antártica, que foram lidas na reunião do conselho (de dez líderes) na Ilha de Coligny, na Baía de Guanabara. Posteriormente elas se perderam. Esta carta¹⁸ é a resposta de Villegagnon a Calvino, datada “*prid. Cal. Aprilis*”, ou seja, 31 de março de 1557¹⁹, descrevendo as dificuldades iniciais, a revolta dos trabalhadores e sua gratidão pela chegada dos irmãos reformados. Ele assina com uma única letra *N* (*Nicolas Villegagnon*), com três vogais minúsculas ao redor: “a” em cima, e “s” e “i” (de *Nicolas*) do lado direito do *N*.

CARTA 2612 - VILLEGAGNON A CALVINO

De Coligny, França Antártica, 31 de março de 1557.

Acredito que não seja possível exprimir com palavras quanto me alegrem suas cartas e os irmãos que com elas vieram.²⁰ Encontraram-me eles em tal estado que me via obrigado a desempenhar as funções de magistrado e mesmo as de ministro da igreja, o que me pusera em grande angústia pois o exemplo do rei Ozias²¹ me desviava de um tal gênero de vida. Mas não tinha eu outra solução, pois temia que os artesãos que eu contratara e para cá trouxera se deixassem contaminar pelos vícios do gentio; ou que, em não encontrando oportunidade de praticar a religião caíssem em apostasia; e esse temor findou com a chegada dos irmãos.

Por outro lado devo realçar ainda a vantagem que terei doravante, ao empreender qualquer ação ou correr qualquer perigo, na existência de pessoas suscetíveis de me trazerem seu auxílio e seus conselhos, e que até agora não tivera por causa do perigo a que sentia estarmos expostos. Pois os irmãos que vieram de França comigo, desanimados com as dificuldades encontradas, partiram para o Egito, cada qual com melhor desculpa.²² Os que ficaram não passavam de pobres diabos mercenários e doentes e suas condições eram tais que antes devia eu temê-los a pensar em qualquer auxílio de valia. E a causa disso tudo está em que desde a nossa chegada tantos obstáculos e contrariedades surgiram que eu não sabia que decisão tomar nem por que lado começar.

¹⁸ A tradução desta carta (não feita pelo professor Lima) se encontra no prefácio de Jean de Léry, *Viagem*, p. 36-39. A tradução francesa do original em latim (nº 2612) está em Léry/Lestringant, *Histoire*, p. 67-73.

¹⁹ *Pridie* = dia antes, *Cal* = *calendae* = primeiro dia do mês, então 31/03/1557. *Calendae* vem do grego *caleo*, “chamar”, porque nesse dia os sacerdotes romanos “chamavam” de volta a lua da “morte”.

²⁰ Recebeu-os com tiros de canhão (Léry, *Viagem*, p. 78).

²¹ 2 Cr 26:16-23. Uzias (Ozias), rei de Judá, quis oferecer incenso no templo em Jerusalém, usurpando a função do sumo sacerdote. Ficou leproso.

²² “Egito” na “linguagem de Canaã” era a França e a igreja romana. Villegagnon certamente se refere, entre outros, a André Thevet, o cosmógrafo, que chegou em 31/01/1556 e dez semanas depois regressou para a França (no início de março de 1557 – Lestringant).

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

O país era totalmente deserto e inculto. Não havia nem casas nem tetos nem alguma variedade de cereais.²³ Ao contrário, havia gente arisca e selvagem, sem nenhuma cortesia e instrução; sem religião, nem conhecimento algum da honestidade ou da virtude, do justo e do injusto, a ponto de me vir à mente a idéia de termos caído entre animais com figura de homens. Fazia-se necessário prover a tudo com toda diligência e tudo resolver enquanto nossos navios aparelhavam para o regresso, de modo que, invejosos do que havíamos trazido, não nos surpreendessem os selvagens e nos matassem.

Mas havia principalmente a vizinhança dos portugueses que, não tendo conseguido conservar sua possessão, não podem admitir que nela estejamos e nos dedicam ódio mortal. E tudo isso se apresentava como um problema a ser resolvido em conjunto: fazia-se mister escolher um lugar para defender-nos, proceder à derrubada e à terraplanagem; carregar para aí provisões e munições; construir fortes, residências e abrigos para as nossas bagagens; juntar material nas cercanias e transportá-lo nos ombros, na falta de animais de carga, ao alto de uma colina entre encostas íngremes e florestas de difícil acesso. E não costumando os naturais do país cultivar a terra metodicamente, não achamos nenhum mantimento ajuntado num certo lugar,²⁴ mas era nos necessário ir buscar muito longe e em lugares diversos os víveres do que carecíamos, em conseqüência do que o nosso grupo, já pequeno, se subdividia e diminuía.

Em vista de tais dificuldades, os amigos que me haviam acompanhado arrepiaram carreira por considerarem a situação desesperada e eu também me senti impressionado. Mas, por outro lado, tendo afirmado que partira de França a fim de empregar todos os meus esforços no incremento do Reino de Jesus Cristo,²⁵ pareceu-me que daria aos homens motivos para me denegrirem e censurarem se me desviasse de meus fins por temor ao trabalho e ao perigo; e como se tratava de uma ação em prol de Cristo, tinha a convicção de que Ele me assistiria afinal e tudo terminaria bem. Recobrei ânimo portanto e me devotei inteiramente a levar a cabo a causa que com tanto amor eu empreendera e na qual desejava empregar a vida. E pareceu-me que só o conseguiria afastando do convívio do gentio os artesãos que comigo trouxera. E refletindo sobre isso, compreendi que não fora sem audiência de Deus que nos metêramos nesses negócios e tudo ocorria em virtude de nos levar o ócio a dar rédeas aos nossos desordenados apetites. E me veio também ao espírito que não há nada, por mais dificultoso, que não possa ser sobre-

²³ LÉRY, *Viagem*, p. 37: “nem quaisquer acomodações de campanha”; LÉRY, *Voyage*, p. 69: “ny aucune commodité de bled”; *Opera* nº 2612: “rei frumentariae nulla copia”.

²⁴ Frase que falta em Léry, *Viagem*. Léry, *Voyage*: “ous ne trouvions point de vivres assemblez en un certain lieu”, p. 70.

²⁵ Quem fala é um fidalgo da Ordem de Malta, uma ordem de guerreiros cristãos da época das Cruzadas.

pujado com vontade e decisão; era preciso portanto ter paciência, firmeza e caráter; exercitar os meus companheiros num trabalho contínuo e Deus não tardaria em proteger tais esforços e dedicação.

Por isso nos transportamos para uma ilha situada a duas milhas mais ou menos da terra firme,²⁶ e aí nos estabelecemos de modo que impossibilitados de fugir, ficassem os nossos homens no caminho do dever. E como as mulheres só vinham a nós com seus maridos, a oportunidade de pecar contra a castidade se achava afastada. Mas aconteceu que 26 mercenários, incitados pela sua cupidez carnal, contra mim conspiraram, sendo-me entretanto o fato revelado no dia em que eu ia ser trucidado e no próprio momento em que a mim se dirigiam os conspiradores.²⁷ Evitamos a realização dos seus intentos mandando eu ao seu encontro 5 criados armados, o que os atemorizou a ponto de se tornar fácil desarmar e prender 4 dos principais chefes, fugindo os outros a se esconder depois de abandonarem as armas. Libertamos um deles de suas correntes, no dia seguinte, a fim de que pudesse melhor defender a sua causa, mas ao ver-se livre deitou a correr e jogou-se no mar, afogando-se. Os que restavam se trouxeram para ser examinados, presos como estavam, e de bom grado declararam sem necessidade de torturas, o que nós já ouvimos do denunciante. Um deles, tendo sido pouco antes castigado por mim, por ter tido relações com uma prostituta, mostrou-se de muito mau humor e confessou que o começo da conjuração viera dele; que aliciara por meio de presentes o pai da prostituta, a fim de que a tirasse de meu poder se eu tentasse proibir-lhe a coabitação com ela. Esse foi enforcado por tal crime; aos outros dois demos perdão, mas de tal sorte que ainda em cadeias lavram a terra. Quanto aos demais, não tenho querido informar-me de seus crimes, para me não ver obrigado a fazer rigorosa justiça, se forem conhecidos e averiguados, pois se assim acontecesse ficaríamos sem poder acabar a empresa começada. Por isso, dissimulando o meu descontentamento, perdoei a todos e a todos animei, verificando que me não é preciso muito para conhecer pelas ações e travessuras de cada um o que tem no coração. Destarte, não poupando a qualquer, antes fazendo-os pessoalmente trabalhar, não só trancamos o caminho a seus maus desígnios, mas ainda dentro de pouco tempo, teremos fortificado toda a nossa ilha.

Todavia, segundo a capacidade do meu espírito, eu não cessava de os admoestar, arredando-os dos vícios e os instruindo na Religião Cristã, bem como mandando rezarem-se preces de manhã e à noite. E

²⁶ LÉRY, *Viagem*, p. 38: duas léguas; LÉRY, *Voyage*, p. 71: deux lieues; *Opera Omnia* nº 2612: duobus millibus passuum. A ilha agora está ligada à terra firme (Aeroporto Santos Dumont, Rio de Janeiro).

²⁷ Pouco depois do fim de janeiro de 1556. Descoberta no dia 4 de fevereiro pelo piloto Nicolas Barre, que relata o episódio em sua carta de maio de 1556. O chefe do trama era um “truchement” da Normandia, que foi obrigado por Villegagnon a abandonar a sua concubina indígena.

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

com o cumprimento desse dever e as devidas cautelas, passamos o resto do ano no maior repouso. Ficamos enfim livres de um tal cuidado à chegada de nossos navios, porque neles deparei com personagens de quem nada tenha a temer, e considero segura a minha vida. Com este meio escolhi dez²⁸ de toda a colônia, aos quais confiei o poder e autoridade de comandar; de modo que de hoje em diante nada se faz que não seja por deliberação do conselho, tanto que se eu ordenasse alguma coisa em prejuízo de alguém, essa ordem seria sem efeito e sem valor, se não autorizada e ratificada pelo conselho. Contudo, reservei para mim um ponto, o qual é, que dada qualquer sentença, seja me permitido agraciar ao malfetor e possa assim eu ser útil a todos sem prejudicar a ninguém.

Eis aqui os meios pelos quais tenho deliberado conservar e defender o nosso estado e dignidade. Nosso Senhor Jesus Cristo queira preservar-vos de todo mal, e a vossos companheiros, fortificar-vos por seu Espírito, e prolongar a vossa vida por tanto tempo quanto necessário à obra da sua igreja. Eu vos peço que afetuosamente saudeis de minha parte os meus caríssimos irmãos e fiéis Cephas e de la Fleche. E, em escrevendo a nossa senhora Madame Renée de França,²⁹ vos solicitarei saudá-la muito humildemente da minha parte.³⁰

Vosso, mui amavelmente e de coração N.

4. DE RICHER E CHARTIER A CALVINO (Nº 2613) – FRANÇA ANTÁRTICA, 01/04/1557

Esta carta é um relatório dos dois pastores franceses no Brasil, escrito na “Ilha de Coligny” e endereçado a Calvino, dos “teus irmãos que enviaste como ministros do Evangelho”. Partindo de Genebra eles foram diretamente para Lutécia (o nome romano de Paris). Visitaram a igreja reformada da capital, alegrando-se com o seu crescimento apesar da oposição. Foram ajudados com dinheiro para compra de livros, roupas e passagem. Seguiram

²⁸ LÉRY, *Viagem*, p. 39, fala em 19, mas deve ser erro de grafia, pois no francês é *dix* e no texto latino *decem*.

²⁹ LESTRINGANT, *Voyage*, p. 73, nº 1: Renée de France (1510-1575), filha do rei Luís XII, casada com Hercule d’Este. Ela fez da sua corte em Ferrara um refúgio para evangélicos (foi assim com Calvino e Marot em 1536). Villegagnon lá esteve em 1543, uma prova de que ele conhecia pessoalmente a Reforma, confirmando a autenticidade dessa carta. Porém, catorze anos depois ele experimentaria uma mudança radical. Posteriormente foi governador de Sens, vizinha de Ferrara.

³⁰ Léry diz que Villegagnon afirmava freqüentemente: “O senhor João Calvino é um dos homens mais doutos que surgiram desde os apóstolos e nunca li ninguém que no meu entender melhor e mais puramente tenha exposto e tratado as Santas Escrituras”. Ele ainda tinha acrescentado a esta carta, com tinta de pau-brasil e de seu próprio punho: “Aceitarei o conselho que me destes em vossas cartas, esforçando-me com toda a vontade por não me desviar dele em coisa alguma. Pois em verdade estou bem persuadido de que não pode haver outro mais reto, perfeito e santo. Por isso mandei ler as vossas cartas em reunião do nosso conselho e depois registá-las, a fim de que sejamos, pela leitura delas, advertidos e afastados do mau caminho se viermos a fraquejar”, LÉRY, *Viagem*, p. 87. Lestringant diz sobre outra citação: “La citation de Léry, comme d’habitude, est exacte”, cf. *Voyage*, p. 74, nº 2.

então para o porto marítimo de Honfleur, de onde partiram no dia 19 de novembro de 1556. Dizem que foi no dia 7 de março que chegaram à Ilha de Coligny, mas seu companheiro de viagem, Jean de Léry, afirma que foi no dia 10 de março. A viagem durou mais de quinze semanas!³¹

Villegagnon recebeu-os muito bem, confessou-se um cristão reformado e agiu como tal. Posteriormente ele trairia essa causa com a expulsão dos huguenotes e a execução de três deles. Qual teria sido o motivo da sua traição? Provavelmente foi facilitada em parte porque já havia uma certa dúvida, visto que os doutores “antigos têm muito valor para ele”, como observaram os próprios pastores neste relatório. Mas o que certamente fez com que se retratasse foi a informação (entre março de 1557 e janeiro de 1558) de que a pressão política contra os “luteranos” estava aumentando muito na França.³² Dentro de cinco anos, isso levaria à guerra civil, e depois ao terrível desfecho da matança dos huguenotes na noite de São Bartolomeu, na qual o próprio chefe de Villegagnon, o piedoso marechal Coligny, seria trucidado (23/08/1572).³³ Por enquanto, todavia, Villegagnon confessava-se cristão reformado e, aos olhos dos pastores, tudo parecia muito promissor para a causa evangélica.

Richer e Chartier não querem escrever mais porque “o escrivão que te é muitíssimo familiar” pode informá-lo “de viva voz”. Será que era o Jean de Léry de *Viagem à Terra do Brasil*?³⁴ Terminaram o seu relato orando para que Deus “conclua o edificio começado nesses confins da terra” e conserve o da igreja de Genebra, denominando essa “Jerusalém” calvinista como “Eleuterópolis”, a cidade liberta (por Cristo, ver Gl 4:26). Finalmente, por engano, datam a carta no dia “Cal. Aprilis anno 1556”, ou seja 1º de abril de 1556, em vez de 1557.³⁵

³¹ LÉRY, *Viagem à Terra do Brasil*: chegada no dia 10 de março de 1557.

³² Refletida nas cartas de Calvino (nº 2814, 2833) e de Macário (nº 2826, 2838, 2841). Na primavera de 1558, o pastor Macário, de Paris, escreve a Calvino: “Eu de minha parte me esforço para que todos se preparem melhor para a luta” (06/03/1558, nº 2826), e “Já cogitamos (como convém) como nos preparar melhor para a perseguição” (27/03/1558, nº 2841). Este motivo também está na nota 13 da carta nº 2838 em *Opera Omnia*. Há calúnias de que Villegagnon foi “alvo de uma conspiração formada por ministros evangélicos” (*Enciclopédia Mirador Internacional*, s.v. “Franceses no Brasil”, 2.1), mas nem o próprio Villegagnon os acusa disto (nem no nº 2612, nem no nº 3229); da conspiração ele fala na carta nº 2612, em que menciona a chegada feliz do comboio que trouxe os huguenotes! Ocorre que a conspiração aconteceu (02/1556) antes do pedido de reforços e da chegada dos pastores (10/03/57)! A mudança posterior para terra firme por causa do comportamento arbitrário de Villegagnon (10/1557) não foi uma “conspiração”.

³³ A cabeça do marechal seria enviada ao papa, que mandaria cantar o *Te Deum*! Dezesete anos depois outro “navarrese” (nascido em 1553) subiria ao trono da França (como Henrique IV de Bourbon, 1589; assassinado em 1610) e concederia aos huguenotes o famoso Edito de Nantes (1598) dando-lhes relativa paz durante quase 90 anos, até a sua revogação por Luís XIV, sob instigação dos jesuítas (1685).

³⁴ Cf. nota 7. Léry chegou da viagem no dia 24/05/1558, na Bretanha, França (*Viagem*, p. 241).

³⁵ Cf. nota 19. Anno 1557: nota 3 in *Opera Omnia*: V. N. 2530. In anno manifestus error.

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

CARTA 2613 – RICHER E CHARTIER A CALVINO

Ao Senhor suplicamos seja sempre favorável ao irmão.

Caríssimo irmão, a união pela qual nós formamos e vivemos num só corpo de Cristo pelos vínculos do santo Espírito, nos aproxima em tão familiar conjunção que a distância espacial que separa nossos corpos, por maior que seja, não nos impede de estarmos na tua presença espiritualmente e temos certeza de que não te esqueces de nós. Para que, entretanto, essa mútua caridade não somente se conserve, mas também cresça mais e mais cada dia, não queremos faltar a nosso dever silenciando-te e ocultando os benefícios de Deus recebidos na verdade copiosamente. Melhor dizendo, estamos enviando-te esta carta para te fazer participante de nossas agruras e de nossas alegrias e conjuntamente celebrarmos o louvor d'Ele e procurarmos divulgar por toda parte a sua glória. A vida criminosa dos ímpios, os maus costumes, as constantes blasfêmias deles contra Deus, a obstinação e raivosa maledicência dos inimigos de Cristo na rejeição da palavra de Deus, as suas emboscadas contra nós, das quais se falava (cujos efeitos, contudo, graças a Deus nunca nos atingiram), outros perigos nos caminhos, as tempestades do mar e outros vexames que têm acontecido por aqui têm produzido grande ocasião de tristeza. Todavia, no meio de tantas dificuldades, experimentamos confirmar-se em nós aquela esperança no favor de Deus para conosco, ótimo e máximo, de vez que recordando sua paterna clemência sentíamos que Ele se mantinha fiel às promessas e nos favorecia, quando mais necessitávamos e não nos abandonava absolutamente no profundo lago dos perigos.

Pois, quando chegamos ao lugar no qual se encontrava aquele que – parte com sua autoridade, parte com o conselho, parte com os gastos (no tanto que lhe é permitido) – cuida dos primórdios desta igreja e que é chefe e cabeça desta nossa instituição: tínhamos muitas coisas a resolver na França e nas quais apareceu claramente a providência divina. Algumas coisas na verdade foram aí realizadas que deveriam ser para nós motivo de conforto antes que de tristeza. Especialmente ao vermos tantos ansiosos pela palavra de Deus, oferecer-nos o que nos era necessário quem podia fazê-lo, para a compra de livros, na aquisição das roupas, nas despesas de viagem. Quando chegamos em Lutécia, encontramos aí a igreja de Cristo muito bem unida pela Palavra, razão pela qual nos sentimos imensamente consolados, vendo cumprido o vaticínio de Davi profetizando que o reino de Cristo se estabeleceria firmemente no meio dos inimigos, assunto sobre o qual não continuaremos falando, na confiança de que já entendeste o suficiente pela nossa carta. Concluídos nossos negócios em Lutécia, nos dirigimos para o porto marítimo vulgarmente chamado Honnefleury, no dia 19 de novembro embarcamos no navio que nos trouxe a esta ilha que chamam de Coligny; entramos no dia 7 de março, onde qual presente do céu encontramos, como pai e irmão, Villagaignon. Pai, digo,

porque nos abraça como filhos, alimenta e sustenta, irmão porque conosco invoca o único Pai celeste, Deus, crê que Jesus Cristo é o único medianeiro entre Deus e os homens, não duvida ser justo perante Deus na sua justiça, por um impulso interior do Espírito Santo experimenta que é verdadeiramente um membro de Cristo, tendo nós visto não poucos testemunhos disso. Deleita-se com a Palavra de Deus, e resolveu preferir esta aos dogmas dos antigos doutores, embora pareçam estes sagrados a muitos. Observas como este julgamento mal seja digno de crédito, uma vez que os antigos têm muito valor para ele; ele chegou, porém, a tal ponto que deixa sua alma dirigir-se pela santa e pura Palavra de Deus. Honesta e prudentemente preside a sua família a qual parece com aquela igreja que havia na casa de Priscila, Áquila ou Ninfa. Com isso esperamos que daí surjam grandes igrejas para celebrarem o louvor de Deus e aumentarem o reino de Cristo. Ele na verdade se mostrou exemplo e guia da verdadeira religião cristã, tanto em estar presente nos sermões públicos e nas orações, com a presença também de todos de sua casa, quanto em participar da sagrada ceia de Cristo, recebida ávida e religiosamente. Antes, porém, de se aproximar deste banquete celeste, professou publicamente e com voz clara a sua fé, e imitando Salomão declarou com preces dedicar a Deus o lugar em que estávamos reunidos e que ele mesmo e todas as suas coisas estavam preparadas para propagação da glória divina.

Mas para evitar a impressão de estarmos fazendo papel de historiadores, em lugar de te colocarmos a par de nossas coisas, deixando o resto da narrativa para o escrivão que te é muitíssimo familiar e do qual de viva voz podes conhecer tudo que nos ocorreu, vamos finalizar nosso escrito, pedindo que derrames na presença de Deus as tuas preces, para que Ele conclua o edificio começado nestes confins da terra e aconselhes a todos que tu sabes temem a Deus e o reverenciam de coração, a fim de que façam o mesmo junto contigo. A esse de Eleutérópolis diante do qual te colocou como ministro do Evangelho, já concluído, pedimos que o conserve, favoreça, retenha num estado tranqüilo e pacífico, e juntamente suas igrejas congregadas por toda a parte, com clemência paterna proteja com celeste fortaleza. Saúda a todos os teus colegas, pedimos, em nosso nome e nominalmente Nicolau Galazium, P. Vireto e Teodoro Beza. Da Ilha de Coligni a qual foi a primeira morada dos franceses estabelecida na França Antártica, 1º de abril de 1556. Os teus irmãos que enviaste como ministros do Evangelho G. Chartério, teu em Cristo. Richério, teu em Cristo.

5. DE CALVINO A FAREL (Nº 2814) – GENEVRA, 24/02/1558

Calvino havia sido convencido pelas invectivas do pastor Guillaume Farel a ficar em Genebra (1536), mas os dois foram expulsos em 1538. Farel foi para Neuchâtel, onde serviu a igreja “neocomense” até a sua morte (1565). Calvino declara a Farel que desejava ter escrito antes, mas foi impedido pela

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

enfermidade. Agora ele informa ao velho companheiro o motivo da viagem à Alemanha de dois ilustres emissários reformados, Beza e Budeus.³⁶ Os evangélicos da França estavam sendo cada vez mais ameaçados e Calvino tenta obter o auxílio de príncipes protestantes alemães no sentido de pressionar o rei francês a moderar a perseguição. É que duas medidas haviam sido tomadas por Henrique II (1547-1559): (a) ele solicitou ao papa Paulo IV (1555-1559) que nomeasse três cardeais para ficarem à frente da inquisição na França e (b) restabeleceu a antiga jurisdição plena dos bispos, podendo eles entregar “hereges” à tortura e execução pelo poder civil.

Na carta seguem mais algumas informações, inclusive sobre o agitado Chartier (linhas sublinhadas), considerado por Calvino fraco da cabeça, pelo que não ajudou muito a causa da Reforma no Brasil, de onde já havia voltado e agora se defendia de suspeitas de não ter entregue cartas trazidas de lá.³⁷

CARTA 2814 – CALVINO A FAREL (GENEBRA, 24/02/1558)

Ao exímio servo de Cristo Guilherme Farello, fiel pastor da igreja Neocomense, integérrimo irmão e confrade.

De vez que de manhã me impiedu de escrever a debilidade de minha saúde e agora o tempo, fica sabendo em poucas palavras por que nossos ótimos irmãos Beza e Budeu se dirigiram pela terceira vez aos príncipes da Alemanha... O rei pediu ao Anticristo para colocar três cardeais à frente da Inquisição... Foi promulgado outro edito pelo qual se restitui a plena jurisdição aos bispos, bastando a sua pronúncia com relação aos hereges: os juizes régios, por sua vez, sem nenhum conhecimento a propósito, levarão logo à tortura todos os que forem entregues. Na verdade com palavras claras se decreta ameaçadoramente que não se omita nem mesmo a sentença capital...

Macário age com afinco em Lutécia... Neste mês vários se livraram do cárcere. Tenho na verdade comigo a defesa de certo frenético que mandamos à América, onde defendeu mal a boa causa em virtude da má condição do seu cérebro. Se vieres [a Genebra], serás recompensado pelo incômodo e pelas despesas. Muita saúde desejamos aos irmãos, eu e meus colegas. Genebra, 24 de fevereiro de 1558.

Teu João Calvino.

6. DE MACÁRIO A CALVINO (Nº 2826) – PARIS, 06/03/1558

No dia 6 de março de 1558, Macário,³⁸ um dos pastores da igreja reformada em Paris, dirigiu mais uma carta a Calvino, chamando-o, como de costume,

³⁶ Teodoro Beza receberia a capa de Calvino depois da morte deste; Budeus (Guillaume Budé), eminente em grego, foi instrumento para a fundação do Colégio da França.

³⁷ A defesa de Chartier não é a carta nº 2612, sugerida pela nota 3 de nº 2814 in *Opera Omnia* (Fortasse N. 2612). Sobre as suspeitas contra Chartier, ver nº 2833 e 2841.

³⁸ Jean Macard, pastor em Paris desde 01/01/1558, depois de Nicolas Gallasius.

“Monsieur d’Espeville”, usando um pseudônimo francês do reformador (Charles Despeville).³⁹ Tinha estado em Genebra por algum tempo e aparentemente Calvino gostava muito desse pastor entusiasta,⁴⁰ pois uma semana depois escreveu: “...não deixes de aliviar parcialmente, com cartas freqüentes, o sofrimento da tua ausência”.⁴¹

Macário fala sobre assuntos importantes em relação ao movimento da Reforma em Paris. Entre outros, a viagem de Budeus e Beza⁴² buscando a intervenção política dos príncipes alemães em favor dos perseguidos na França, especialmente os sete irmãos que estão no cárcere, ameaçados com a fogueira.⁴³ Ele também lamenta o fato de que muitos presos recuam diante do perigo ou ficam perturbados por causa de interrogadores como Cláudio d’Espence, doutor de Sorbonne.⁴⁴ O autor acrescenta: “Eu de minha parte me esforço para que todos se preparem melhor para a luta...” De fato isso vai ser necessário, como ele escreve três semanas depois: “Já cogitamos em como nos preparar melhor para a perseguição”.⁴⁵

Na sua carta ele também menciona Chartier (frases sublinhadas), que voltou do Brasil e com razão teme ser considerado culpado se não entregar logo as cartas que vieram da França Antártica, mas que não sabe onde se encontram. Fala ainda sobre a guerra entre a Espanha (Filipe II) e a França (Henrique II) no sul dos Países Baixos, e promete saudar os colegas da região de Paris em nome de Calvino.

CARTA 2826 – MACÁRIO A CALVINO

A meu muito honrado senhor Monsieur d’Espeville. Onde quer que se encontre.

Se te alegrem minhas cartas, deixo-te avaliar o quanto as tuas me encham de satisfação... poderás concluir com que ânsia espero tua resposta e isso particularmente para saber que vais regularmente, como permite a débil saúde do teu exíguo corpo... Foste avisado a tempo de que a causa dos irmãos foi apresentada aos príncipes da Alemanha... (na) terceira viagem dos dois ótimos irmãos...

³⁹ Sobre os nove pseudônimos de Jean Calvin/Calvino (praticamente *persona non grata* na França), ver E. Doumergue, *Jean Calvin*, t. I, Ap. 8. D’Espeville foi usado a partir de 1538; refere-se a um pequeno benefício eclesiástico anual que seu pai conseguiu para ele aos 12 anos, a produção de cereais de 20 “setiers” de terra em Epeville (Doumergue, *op. cit.*, t. I, p. 38).

⁴⁰ Carta de Calvino a Macário, 15/03/1558: “o teu entusiasmo” (nº 2833).

⁴¹ Carta de Calvino a Macário, 15/03/1558 (nº 2833).

⁴² Cf. nota 36.

⁴³ Jean Amalric, nativo de Luc en Provence, faleceu no cárcere (nota 6 da carta nº 2826 in *Opera Omnia*).

⁴⁴ Nota 9 da carta nº 2826 in *Opera Omnia*.

⁴⁵ Carta de Macário a Calvino, Paris, 27/03/1558 (nº 2841).

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

E agora, para falar do estado daqueles nossos sete (homens) fortes condenados ao cárcere, eles subsistem e neste acabarão morrendo pelos sofrimentos como, faz hoje quatro dias, aconteceu com o robusto atleta de nome Amelric; ou serão levados à fogueira, com a qual os juizes os ameaçam freqüentemente, salvo se renunciarem à verdade. Um fugiu... ao ser conduzido aos cartusianos... Mas preocupa o perdido charlatão Cláudio d'Espense, contra o qual se volvem os olhos dos semicristãos e por cujo nome vários procuram oprimir nossos irmãos, porque se faz passar por evangélico. Tendo um dos nossos respondido, quando interrogado, que é uma regra comum para todos o que Cristo disse: Bebei dele todos, objetou: O que respondes diante de vários lugares onde lemos que os apóstolos partiram o pão, ao tratar-se da comunhão na ceia, sem fazer menção do vinho? Daí queria o traidor confirmar que o costume de comungar somente sob uma parte já era então usado... Eu de minha parte me esforço para que todos se preparem melhor para a luta, para que com maior fortaleza defendam a causa de Cristo, se chamados forem. Muitos se encorajam e as reuniões se fazem mais freqüentes.

De resto, se não chegou ainda à corte o rei de Navarra, não está longe. A ele escrevi de comum acordo em nome do colégio e enviei tuas últimas admoestações relativas à religião... Chartério da Antártida pede para que respondas logo às suas perguntas, para que ele não fique sob suspeita de ma fé perante os seus ou de demasiada negligência se chegar um navio sem resposta... Correm vozes de que vinte mil homens de Filipe circulam em torno do território belga... Ambas as partes fazem grandes preparativos para a guerra. É o que acontece agora. Saúde, caros irmãos e senhores, dignos de meu respeito para sempre. Lutécia, seis de março... Com o máximo respeito

I. Rachamo.

7. DE CALVINO A MACÁRIO (Nº 2833) – PERTO DE GENEBRA, 15/03/1558

Escrevendo ao pastor Macário em Paris no dia 15 de março, Calvino se desculpa pela demora da resposta, mas refere-se duas vezes à dor que sente no lado, descrita em outra carta como o ápice do sofrimento.⁴⁶ Calvino começou a sentir essa dor no início de fevereiro de 1558.⁴⁷ Agora, em meados de março de 1558, ele estava se mudando freqüentemente por recomendação médica. Ao mudar-se para outra vila, recebeu uma carta do seu colega Viret, de Lausanne, já fora dos portões da cidade de Genebra. De onde se encontrava, apesar da recomendação médica de manter repouso absoluto, Calvino respondeu a Viret.⁴⁸ O pastor Pierre Viret serviu por mais de 20 anos

⁴⁶ Carta de Calvino ao professor Mercier, em Paris, Genebra, 16/03/1558 (nº 2832 em *Opera Omnia*).

⁴⁷ No dia 15/03/1558 escreve que a dor começou há “cerca de um mês e meio” (nº 2833).

⁴⁸ Carta de Calvino a Viret, perto de Genebra, 16/03/1558; (nº 2831 em *Opera Omnia*).

à igreja de Lausanne. Nessa altura a situação era muito difícil, porque os magistrados de Berna não permitiam a disciplina eclesiástica e até depuseram vários pastores. Viret protestou em vão. Então, Calvino sugeriu que Viret pedisse demissão do seu cargo e viesse para Genebra, o que Viret finalmente fez no ano seguinte.

No mesmo dia Calvino respondeu ainda outras cartas do pastor Macário, dando a sua opinião a respeito de vários assuntos. Falou sobre a viagem de Budeus e Beza, sobre o rei de Navarra e muitas outras pessoas. Quanto a Chartier (linhas sublinhadas), parece que Calvino não confia muito nele e acha que seria bom Macário fazer uma sondagem a seu respeito (o que certamente já estava fazendo, porque numa próxima carta de Macário ao reformador o pastor de Paris defende Chartier⁴⁹). Finalmente Calvino assina a sua carta como *Carolus Passelius*, nome que usava como pseudônimo latino.⁵⁰

CARTA 2833 – CALVINO A MACÁRIO

Ao Senhor e muito amado irmão e confrade Sr. Racham.

Mal posso elogiar a tua diligência em escrever, porque me será difícil a desculpa de minha negligência... não deixes de aliviar parcialmente, com cartas freqüentes, o sofrimento da tua ausência. De outro lado, se eu quiser colorir de algum modo a minha preguiça, receio causar-te alguma preocupação e tristeza. Cerca de um mês e meio faz que a dor do lado aconteceu; através de remédios ela diminuiu um pouco. Finalmente recrudescer tanto que foi preciso abandonar todo o trabalho. Mas o tédio da inatividade, acontecesse o que fosse, antes de cinco dias me obrigou a voltar ao trabalho...

(Quanto aos encarcerados) ofende mais duramente o terem escrito... que se pagasse pelos presos... Aliás tens em mente que a pura jactância não passa de atrativos em que se enredam os pouco prudentes...

Eu tinha chegado até aqui quando pela tarde me chegou a tua última; se eu falar pouco sobre ela, desculpa-me porque a dor do lado me impede de escrever mais longamente. Não chamei um amanuense porque os médicos me ordenam repouso total... Impressionante a impudência de (Cláudio) Dispenseu⁵¹, com a qual ataca através daqueles sórdidos sofismas já refutados devidamente. Gostaria, porém, de perguntar quantas vezes a Escritura narra que os magnatas comeram o pão com o rei ou se acha que se trata de um banquete canino? De Chartério, de mal grado falarei. Passou quatro ou cinco meses depois da viagem, antes de dizer uma palavra e ainda quando estava conosco

⁴⁹ Carta de Macário a Calvino, Paris, 21/03/1558 (nº 2838).

⁵⁰ Talvez o mais antigo pseudônimo de Calvino, usado desde 1532 até o fim (Doumergue, *op. cit.*, t. I, ap. 8 (#4). Ver nota 39.

⁵¹ O inquisidor Cláudio d'Espense na carta nº 2826. Villegagnon certamente temia o seu interrogatório ao declarar que queria submeter-se à Sorbonne (nº 2838).

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

corriam vozes das divergências⁵² deles. Agora enviou uma apologia recheada de futilidades. Dirás que são sonhos de um doente. Esse é o modo de pedir conselho? Acrescenta que nada há da parte oposta.⁵³ Que pretenda ludibriar? Que pesquises, contudo, porque se achas conveniente não desprezo o esforço.

Saúde, integérrimo irmão e fiel servo de Cristo... Do tugúrio de meu irmão no qual é também ele hóspede comigo... Carta escrita no dia 15 de março e entregue no dia 16. Teu verdadeiramente

Carlos Passélio.

8. DE MACÁRIO A CALVINO (Nº 2838) – PARIS, 21/03/1558

O pastor Macário escreve a Calvino, chamando-o novamente de “mestre Monsieur d’Espeville”. Relata, como das outras vezes, sobre os últimos acontecimentos, especialmente em Paris. Informa que a causa dos irmãos presos foi recomendada ao “Navarreno”, o rei do pequeno país de Navarra, entre a França e a Espanha, cuja “porta estava aberta na sua jurisdição para todas as pessoas pias”. Este inicialmente se mostrou favorável às reformas na igreja romana, porque seu pastor, o monge Pierre David,⁵⁴ condenou publicamente “as ímpias superstições” da igreja. Mas quando o Navarreno chegou à corte do rei da França, não teve força para fazer algo nesse sentido, porque o rei Henrique II (1547-1559), não podendo contrariar a forte pressão da “casa guisiana”, nada fazia senão promover fogueiras, orientado pelo “Galerita”, o cardeal lotaríngio (“com quem está todo o poder real”), contra a raça dos “piemonteses”, considerando assim todos os evangélicos como valdenses. Relata ainda como os presos foram tratados ultimamente.

Macário ainda defende Chartier (linhas sublinhadas), informando que as cartas (aliás nunca encontradas!) não se extraviaram, mas estão em poder do capitão Bois-le-Conte, o sobrinho de Villegagnon. Numa nota de rodapé, o editor de *Opera Omnia* informa que, a respeito das divergências sobre a Santa Ceia, “Villegagnon protestou não aderir à seita chamada calvinista. Apesar de ter concordado que os artigos sob discussão fossem enviados às igrejas da França e da Alemanha para decidirem a respeito, e que para este fim Chartier tinha embarcado, assim que [Villegagnon] soube que a perseguição na França fora intensificada, ele virou a casaca abertamente,... declarando que queria se ater à resolução que a Universidade de Sorbonne em Paris (dominada pela corte e pela igreja católica romana) tomaria sobre o assunto. Este foi o motivo pelo qual Richer, du Pont e outros, em número de

⁵² Prof. A. Lima: dissídios. Entretanto, para evitar a conotação de um processo jurídico, traduzo como divergências (latim *dissidiis*).

⁵³ Significado um tanto incerto (Adde quod nihil a parte adversa), mas há suspeitas. Ver a defesa do pastor Macário em nº 2841: Tantum excuso quod nihil a parte adversa miserit.

⁵⁴ David faleceu na prisão em 1560 (nota 4 da carta nº 2838 em *Opera Omnia*).

vinte, voltaram num navio da Bretanha”.⁵⁵ Macário ainda informa que Chartier está trabalhando na diáspora entre os de Meaux,⁵⁶ enviado pelo conselho da igreja de Paris.

CARTA 2838 – MACÁRIO A CALVINO

A meu muito honrado senhor e mestre Sr. D’Espeville.

(O Navarreno na verdade deplora a corrupção atual da igreja...), mas o rei de sua parte estava tão longe de restaurar a doutrina da piedade que desde que (o Navarreno) entrou na corte nada mais ouviu tratar a não ser de fogueiras para queimar enorme multidão. E ainda mais que por ele estavam sendo excogitados e estabelecidos meios para acabar com a estirpe dos piemonteses...

No setor dos presos, o que há de novo é que Lameu foi conduzido ao arcepresbítero e interrogado por ele sobre o símbolo, os sacramentos, a penitência, as satisfações, a comemoração dos mortos, e respondeu com simplicidade e verdade. Como lhe fosse favorável e a absolvição estivesse para ser dada, recusou. Daí voltou para o cárcere episcopal. Ontem estive com ele e me referiu tudo isso. Pedi-lhe insistentemente para que permaneça constante e o outro irmão chamado Guerino⁵⁷, o qual pouco antes tendo renunciado a Cristo, agora chora seu pecado e rejeitou a absolvição. Enquanto escrevo estas coisas recebo o aviso de que Lameu saiu do cárcere. Amanhã saberei de tudo...

De resto, sem querer me fazer patrono da causa de Chartério, que te escreve, senhor, é justo, todavia, que eu confirme para alívio dele o que eu sempre soube com certeza, isto é, estarem guardadas por Boslecontio todas as cartas dos irmãos de além-mar e que esta era a causa principal para ele não ter ido a ti, por estar sempre esperando esses escritos. Na verdade, o mordomo⁵⁸ do almirante me prometeu que procuraria logo fazer por onde recebê-las. Neste ínterim, como Chartério estivesse parado ocioso e os Meauenses dispersos pedissem um pastor para o rebanho não se dissipar, nos o mandamos para lá a fim de reunir as ovelhas de Cristo, coisa esta que me foi comunicado que ele fez e

⁵⁵ Nota 13 na carta nº 2838 em *Opera Omnia*. Ver também a introdução da carta nº 2613 neste artigo.

⁵⁶ Lugar próximo de Paris. Carta de Calvino a Meaux, 05/01/1558 (nº 2786 em *Opera Omnia*). Já no ano de a reforma entrou na diocese de Meaux, sob liderança do bispo Briçonnet, mas foi perseguida a partir de 1525. Em 1572, na noite de São Bartolomeu, uns 600 huguenotes foram mortos nessa região! Cf. *The Oxford Encyclopedia of the Reformation*. Oxford, 1996, s.v. “Meaux”. HELLER, H. Marguerite of Navarre and the reformers of Meaux. Em GAMBLE, R. C. *Articles on Calvin and Calvinism*. New York: Garland, 1992, vol. 14, pp. 41-80. Sobre a importância de damas da alta sociedade para o evangelho, cf. ROELKER, N. Lyman. The role of noble-women in the French Reformation. In: *idem*, vol. 14, pp. 82-109.

⁵⁷ Geofr. Guerin, 25 anos, de Pont-Audemer, na Normandia, que foi queimado em 1º de julho de 1558 (Nota 8 desta carta na *Opera Omnia*).

⁵⁸ Maiordomo. Prof. Ant. Lima: architriclínio. Architriclinus, chefe da sala de refeições.

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

faz. Não posso falar mais de nada. Aqui termino após pedir a meu Pai e Senhor que vos conserve incólumes para sua igreja e pedindo-te continues a me recomendar a Deus, pois vossas preces me tem conservado até agora. Lutécia, 21 de março. Rivério e Rocheu e também Iameo muito vos saúdam. Atenciosamente I. Rachamo.

9. DE MACÁRIO A CALVINO (Nº 2841) – PARIS, 27/03/1558

Numa longa carta, Iohannes Rachamus Macário, um dos pastores reformados de Paris, continua informando Calvino sobre a igreja da capital francesa. Ele inicia a sua carta com uma declaração de como necessita dos conselhos do reformador, reconhecendo que é difícil para Calvino responder a todas as suas cartas devido à sua saúde precária e à sua idade (49 anos, naquela época uma idade avançada; Calvino faleceria seis anos depois, em 1564). Também informa a Calvino que o dinheiro que estão devendo aos irmãos de Genebra chegará em breve, sabendo, porém, “que vós não insistis para que paguem”.

Em seguida fala sobre o rei de Navarra, que, de boca, é muito evangélico, mas na presença do rei da França não pode fazer muito, certamente para que os reformados aprendessem a confiar somente em Deus, e não em príncipes. Quanto a Chartier (linhas sublinhadas), confirma a defesa da carta anterior. De fato, o capitão Bois-le-Conte⁵⁹ está retendo as cartas (que vieram com eles do Brasil) para não colocar em perigo o seu tio Villegagnon, pois a corte descobriria que houve pregação evangélica com seu apoio declarado! Seria bom não disciplinar Chartério.

Trata ainda longamente do desejo de Calvino de levar Mercer para a Academia, “ornando a cidade (de Genebra) com professores de línguas, para que seja um seminário de homens pios e doutos”.⁶⁰ Mas parecia difícil convencê-lo, inclusive por motivos financeiros. Sabendo da sua erudição e adesão (secreta) à causa da Reforma, Calvino já o havia convidado por carta a ir para Genebra, oferecendo-lhe uma posição modesta, mas “cuja utilidade se espalhará longe e largamente”.⁶¹ Mas Mercer finalmente não atendeu ao convite.

Por fim, Macário fala sobre os reformados presos no cárcere. Ao visitá-los (e ao ser encorajado por eles!), o guarda carmelita – que primeiramente mostrou-se mais aberto – suspeitou que ele era pastor mesmo, e Macário já está pensando em “como nos preparar melhor para a perseguição”. Em outros cárceres há mais presos. Assim mesmo, o interesse pelo evangelho

⁵⁹ Veja carta #2838.

⁶⁰ Um grande alvo também do professor puritano Voetius, cujo lema para a universidade de Utrecht era *De pietate cum scientia coniungenda*, 1634. VOETIUS, Gisbertus. *Godzaligheid te verbinden met de Wetenschap*. Utrecht, 1634. A. de Groot; Kampen: Kok, 1978. Oração inaugural sobre Piedade e Ciência.

⁶¹ Carta de Calvino a Mercer, Genebra, 16/03/1558 (nº 2832 em *Opera Omnia*). O fidalgo Mercer (do sul da França) era erudito em línguas orientais e sucedeu o famoso Vatable como professor de hebraico no Colégio da França.

está crescendo e fica difícil achar maior espaço físico para a pregação. A plebe, como se fosse partidária dos “luteranos”, se revolta contra as sentenças cruéis. No fim da sua carta menciona que os soldados não receberam salário há seis meses, de modo que pode imaginar as liberdades que tomam. Lembra-se com saudades da pequena choça onde Calvino estava, e saúda a todos.

CARTA 2841 - MACÁRIO A CALVINO

Ao Sr. Monsieur d'Espeville...

Venerandíssimo pai e senhor... Desejo, portanto, coisa esta que é de interesse de todos os nossos, que sejas sabedor como eu do nosso estado, e isso no tanto que seja possível através de cartas, a fim de que me ajudes e confirmes com teu conselho onde notares ser preciso. Pois há muito que estabeleci comigo mesmo sujeitar todas as minhas atividades a teu aceno e tua vontade e nada empreender ou continuar, sem ter à frente a tua autoridade como chefe, quanto me seja permitido utilizar-me de ti, como conselheiro fidelíssimo e peritíssimo. Nem serei importuno exigindo um montão de cartas correspondente às minhas; basta que dites a um amanuense o que vires ser conveniente. Pois havendo sobre mim muito trabalho, o valor de uma carta tua superará facilmente o grande número de muitas minhas. E se alguma vez o incômodo da saúde requer abstenção de todo trabalho, como ultimamente os médicos te impunham fazer por causa da dor no lado, desejo que deixes de ditar até que a dor diminua bastante. Espero todavia do Senhor, pelas minhas preces e de muitas pessoas piedosas, não que tenhas uma saúde de pugilista ou atleta, coisa que tua idade não suporta, nem a natureza do teu minúsculo corpo, e sim que até o último suspiro possas desempenhar teu ofício. O primeiro dos meus votos é na verdade que o Senhor te prolongue a vida bastante para a salvação da sua igreja, à qual te entregaste e consagraste...

Sobre o Navarreno adivinhaste realmente, a saber que Deus quer que nós sejamos privados da atuação humana para que refulja a ajuda somente d'Ele e somente n'Ele nos apoiemos e aprendamos a render a Ele o louvor por todos os bens. Ele recentemente chamou Rocheu e Jameu e faz três dias os procurou, cerca das oito da manhã quando ainda estavam na cama... e disse que veio da corte [de Navarra] a Lutécia sobretudo para conseguir a libertação deles... Contudo, conhecendo bem o caráter desse homem, o que podia alguém esperar de suas palavras?...

No que tange a Chartério, não quero assumir o patrocínio da causa dele, como já escrevi. Eu apenas o desculpo no tocante ao relacionamento com a parte adversária. O sobrinho de Villegagnon negou-lhe a carta para não ficar em perigo se por acaso se fizesse público que o evangelho estava sendo pregado nas novas terras. Não peço ainda providências tuas sobre ele, porque há esperança de recuperar os escritos dos irmãos, salvo se falharem os que prometeram interessar-se por isso.

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

Passo à outra tua carta [nº 2833]... (onde o senhor escreve que) nosso senado resolveu, além de tudo, ornar a nossa cidade com professores de línguas, para que seja um seminário de homens pios e doutos. Entrementes dei a Mércero as tuas cartas, ...não pude saber ainda da sua decisão...

Falta dizer alguma coisa sobre os presos. Ainda há três atletas dignos de apreço: Sarrazier, Faber, Guerin, os quais, se há três dias no pequeno prado da corte foram confirmados com minhas palavras, não fui menos confirmado com as suas. O carmelita que despertara uma certa esperança quanto a si mesmo, hoje agiu de modo torpe; de mais a mais, impediu-me por algum tempo a entrada no cárcere, porque em virtude de minha fala, tendo deduzido qual era o meu gênero de vida, não pôde ocultar o que os que passavam estavam suspeitando. Pouco, porém me interessa porque o Senhor me está presente onde nada faço temerariamente, mas ando nos seus caminhos... Mas os que são fortes, ainda são fracos. É desagradável relatar isso, porque não o lês de boa mente... Já cogitamos (como convém) como nos preparar melhor para a perseguição. Quantos a enfrentaram: uns com maior fraqueza, outros cedendo após longo combate. Há alguns em outros cárceres dos quais não ousou falar. Aquele que foi trazido de Aurélio para cá, morreu no cárcere, confessando puramente a sua fé, para confusão dos juizes. Ultimamente três dos nossos que foram aos cartusianos para ganhar um dos nossos irmãozinhos foram traídos por esses diabos e arrastados ao cárcere. Não entendi com que espírito agem. É claro que os inimigos se horrorizam diante da pena capital; muitos, porém, se apavoram a tal ponto que dificilmente se encontram edifícios que recebam as reuniões que sejam um pouco mais freqüentes. E embora tenham receio dos comissários que andam famintos caçando presas por toda parte, mais temem eles o furor do povo porque os sacrifícios no vestibulo de seus templos clamam e aguçam a raiva da baixa plebe, atirando-se contra os juizes, como sendo da parte dos luteranos...

... a lembrança do pequeno tugúrio me comoveu... Saudarei os colegas, como mandas, quando se reunirem... (Que Deus) aumente os seus dons... para defender e santificar (as igrejas)... Saúde, ótimos e muito respeitáveis irmãos e senhores. Lutécia, 27 de março de 1558.

Mui respeitosamente

Io. Rachamo

10. DE MACÁRIO A CALVINO (Nº 2850) – PARIS, 12/04/1558

O pastor Macário continua o seu relato sobre os acontecimentos em Paris, especialmente sobre os presos. Menciona também um pregador itinerante, o ex-monge Pierre David, que está pregando a mensagem bíblica da reforma. Não pode escrever muito devido ao crescimento da igreja reformada. Menciona ainda que tinham sido comprados cavalos para a viagem a Genebra.

Refere-se, com poucas palavras, a Chartier (sublinhadas) porque não recebeu nenhuma notícia dele. Informa que a situação na França é muito confusa, mas o evangelho cresce e precisa-se de pastores! Despede-se chamando Calvino de “pai”, de quem sempre se lembra, animando-se.

CARTA 2850 – MACÁRIO A CALVINO

A meu muito honrado Sr. Monsieur d’Espeville, onde quer que esteja... Davi (viajou) para a jurisdição de Navarra. Comunicou ter pregado lá por duas vezes, com as portas de seu rei abertas... Os quatro presos que estavam no pequeno prado foram colocados cada um numa espelunca, pois não quiseram obedecer a sentença dos juizes. Portanto, o Navarreno, a pedido de alguém, enviou correspondência... Os três que foram presos nos cartusianos, foram soltos. Um satisfêz os adversários negando a Cristo. Outro a pedido da mãe os juizes entregaram. Sobre o terceiro não pôde dizer nada...

Tinham já sido comprados os cavalos para a viagem até vós... Falarei de tudo que ocorrer primeiro, mas não de muitas coisas, por causa das ocupações. Pois graças a Deus cada dia aumenta o número dos fiéis de modo admirável... De Chartério nada recebi. Gaspar escreveu que não seriam poucos os frutos de sua viagem. De toda a parte pedem ceifeiros, mas são poucos demais. Mandamos um para a cidade de Cham até que mandeis outro, se ele não satisfizer.

Se perguntares como vão as coisas publicas,... confusão... assassínos... os da corte em banquetes... prelúdios apenas de grandes calamidades, salvo se o Senhor do céu nos estender milagrosamente sua mão... temos nossa âncora fixa no céu... Saúde, pai, e como fazes, ora por aquele que assiduamente nutre seu ânimo com a lembrança de ti... Dia 12 de abril. Mui atenciosamente,

Io. Rachamo.

11. DEVILLEGAGNON AOS DE GENEBRA (Nº 3229) – PARIS, 06/07/1560

Depois de regressar da França Antártica, o militar Villegagnon se tornou partidário dos Guises, líderes católicos radicais, e produziu três documentos em defesa da sua conduta no Brasil. O primeiro, dirigido à igreja cristã em geral, é uma refutação da opinião calvinista defendida pelos dois pastores reformados no Brasil⁶²; o segundo, dirigido à justiça francesa,⁶³ é uma autodefesa contra a acusação de ateísmo, e o terceiro, escrito à Igreja e aos magistrados de Genebra, é a carta que segue.

⁶² “Ad articulos Calvinianae de sacr. euchar. tarditionis ab eius ministris in Francia antarctica evulgatae responsiones por N. Villagagnonem” (nota 2 na carta nº 3229 em *Opera Omnia*).

⁶³ “Connétable de Montmorency”, Anne (1493-1567), Duque de Montmorency, ao sul de Paris, condestável, alto oficial da justiça francesa.

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

Nesta carta ele afirma que a doutrina de Richer é herética, totalmente oposta ao evangelho e conforme o ensino de Genebra (como verificou nos “livros calvinianos” que os pastores trouxeram consigo, entre os quais certamente as Institutas). Ele propõe ter uma disputa sobre a eucaristia com Calvino (ou outrem), diante de árbitros, num lugar seguro. Diz que esperará por 30 dias⁶⁴ no palácio de São João de Latrão em Paris. A carta foi considerada pelo Conselho da Igreja de Genebra, que resolveu que Villegagnon podia esperar tanto quanto quisesse.⁶⁵ No ano seguinte foi publicada em Genebra, com a aprovação do conselho da igreja, uma resposta do pastor Richer.⁶⁶

CARTA 3229 - VILLEGAGNON AOS DE GENEBRA

À Igreja e aos Magistrados de Genebra, saúde e paz.

Em nome de Calvino e no vosso, Pedro Richério, irmão carmelita, chegou até nós para nos instruir sobre a vossa religião. A ele demos poder, por causa da suma autoridade da vossa cidade e do preceptor, para realizar uma conferência. Recebido o poder, fez tudo o que dependia dele para executar com perfeição o seu papel. Primeiro com grande empenho procurou libertar-nos da religião católica. Depois inculcou a vossa religião com grande arte e para que o seu trabalho não parecesse perdido juntou os artigos capitais da religião e nos deu para guardar na memória, recolhendo o tesouro escondido desde os pontos mais profundos dos comentários dos calvinistas. Para que essas coisas não ficassem ao alcance dos indignos envolvera as sentenças com certos invólucros de palavras e paradoxos. Isto me inflamou a alma com o desejo de investigar a verdade. Comecei a esquadrihar tudo e quanto com minha capacidade pude investigar, para descobrir a verdade; e de tanto instar, sacudir e agitar, irrompi nos esconderijos das vossas antigas tradições e cheguei a vossas idéias mais sagradas. Este foi o objetivo do seu santíssimo ensino: provar que toda a vossa esperança e fé em

⁶⁴ A nota 2 da carta nº 3229 em *Opera Omnia* diz: “pendant quarante jours”. E sobre a data desta carta nº 3229: “datée du 8 (sic) Juillet 1560. Il rapporte ensuite 12 articles que Richer lui avoit donnés au Brésil sur la matiere de l’eucharistie. Ce sont ces articles qu’il entreprend de réfuter dans la première partie de son ouvrage. Les deux autres sont contre la doctrine de Calvin sur le même sujet. Cet ouvrage ne demeure pas sans réponse. Richer y opposa peu de temps après les suivants: P. Richerii apologetici...” (v. nota 66). Os “12 articles” de Richer (não localizados ainda) não devem ser confundidos com os “17 artigos” da Confissão Fluminense (v. nota 9).

⁶⁵ A nota 3 da carta nº 3229 em *Opera Omnia* diz: “Reg. du Conseil, Vol. 56, fol. 64. 29 de Juillet 1560: Lon a fait lecture dune missive... Arreste: que daultant quil est opiniatre quil attende tant quil vondra”.

⁶⁶ Proposta de Calvino no Conselho, aprovada para imprimir certos escritos contra Villegagnon “qui a compose certains escriptz contre Dieu et les siens qui pourroient abuser les simples sil ny estoit respondu” (*Opera Omnia* XXI:751, Reg. du Conseil fol. 200, 06/06/1561). *P. Richerii apologetici libri duo contra N. Durandum qui se Villagagnonem vocat, quibus illius in pios Americanos tyrannidem exponit et negotium sacramentarium tractat* (Genebra, 1561). Ainda em *Réfutation des folles reveries et mensonges de N. Durand dict le chevalier de Villegagnon*. Genebra?, 1562. (Na nota 2 da carta nº 3229).

Cristo se dissolvem em fantasias de opiniões. O sagrado místico chama-va-as de idéias, à maneira platônica. Para prova da sacrossanta doutrina, usava o sacramento da vossa ceia, pregando que este constava de duas espécies, uma interior e outra exterior. Ensinava que a realidade interior é intelectual, não corporal, a ser percebida pela fé, de modo que se vos for oferecido o Cristo crucificado e ressuscitado da morte e crerdes que 0 recebeis, acontece isso mesmo; de outra forma, é pão apenas que comeis. Acrescentava que o vosso recebimento intelectual é por vós chamado distribuição do corpo: não no sentido de que haja algum movimento de distribuição (pois isso é invenção papista e luterana que ensina que debaixo da espécie de pão se recebe mesmo o corpo), mas porque pela fé, sem movimento – asseverava – comeis a sua vida como se acontecesse realmente o movimento da distribuição. Ele pregava que toda a verdade da vossa doutrina é inculcada e redigida na direção dos afetos e das intenções, que as coisas exteriores eram sinais indiferentes que parecem poder sem perigo omitir-se. Que Cristo deve ser adorado somente no espírito, não na carne, para não se adorar o elemento terreno. Finalmente, como todas as vossas coisas são postas somente no intelecto e na fé, somente as almas são chamadas para a manducação e para elas, não para os corpos, é apresentada a esperança da ressurreição. Esses delírios nos agitavam turbas enormes e quanto mais cuidadosamente se discutia, mais aparecia a vacuidade da doutrina. Por esse motivo recorreremos aos livros calvinianos para ver a sua doutrina verdadeira a respeito. Mas descobrimos que a doutrina se referia somente às idéias, conquanto condimentasse o seu ensinamento com outras palavras e com ornatos. Pelo que com grande desgosto rejeitei aquela doutrina vossa, achando que se orientam para a loucura de Marciano e de Valentino ou para o ateísmo (quanto à pessoa de Cristo). E resolvi fazer ciente a igreja cristã dessas coisas, para que os enfermos evitassem, tirado o verniz, os laços de vosso ensino. Além disso, para que meus escritos se expusessem menos à calúnia, resolvi ir à França e me recolher nalgum lugar seguro para tratar com vosso legado sobre essas coisas e por causa da fé denunciarmos o escrito de Richério. Tão profundo está no meu espírito este propósito de não me deixar levar por quaisquer razões dele que sejam. Em vossas mãos está pois o assunto. Acho que a França vos é suspeita. Arranjai, pois, um lugar oportuno, distante, porém, da região de vossa religião, para onde eu possa ir livremente e com segurança. Se isso fizerdes e com documento público, de modo que eu possa ir sem perigo algum, prometo de minha parte ir imediatamente para lá, com este pacto de que, se eu for convencido de calúnia, me submeterei a vós para qualquer gênero de suplício que quiserdes estabelecer. Pareceu-me este o caminho mais rápido para expressar a verdade de nossa causa. Pois não adiantará escrever e nem tempo tenho de escrever ligado como estou à atividade militar, numa região remotíssima. Seguindo o exemplo de Richério,

FRANS LEONARD SCHALKWIJK, O BRASIL NA CORRESPONDÊNCIA DE CALVINO

concluirei com declarações as quais com testemunhos da Escritura Calvino terá de refutar, ele ou quem em vosso nome debater comigo, na parte em que devem ser refutadas, ou confirmar no sentido contrário; isto sem exceção, ante nossa igreja. Pensei que a proposta pode ser efetuada com pequenas despesas se trouxerem consigo dois das suas partes, quaisquer que queiram, dois eu e convidarmos dois da igreja alemã, a nossas custas, que sirvam de árbitros de nossa disputa e presidida pelo príncipe ou aquele magistrado no qual convenhamos, no tocante à fé e à autoridade. Esperarei a vossa resposta em Paris no palácio lateranense, por trinta dias.

Paris, 6 de julho de 1560.

N. de Villegagnon.

ABSTRACT

John Calvin was one of the many French refugees in Geneva. The city had freed itself from the Duke of Savoy, and then became a Protestant refuge (1536). Some 20 years later France was starting a colony in South America, “Antarctic France”, but better colonists were needed than just freed prisoners. So Admiral Coligny wrote to Geneva requesting help. The Reformed church council responded enthusiastically and sent fourteen pioneers, among whom two pastors (1557). Initially, Villegagnon, the leader of the new colony, received them very well, but soon he changed his mind, certainly because of information from France that the royal court and the Roman church were intensifying the persecution against the “Lutherans”. Then he expelled the Huguenots, and killed three of them after they had confessed their faith in the famous “Guanabara Confession” (1558). It is a sad part of Southern American church history, since the hope for a safe refuge for persecuted evangelicals evaporated, some sixty years before the “Pilgrim fathers” established a Protestant colony in Northern America. The aim of this article is not to describe that episode, but to discover if there are references in the vast correspondence of John Calvin to these Brazilian events. Indeed there are, though the result is meager. Several letters were lost and besides that, the contact was not only with Calvin personally but also with the Genevan councils, both political and ecclesiastical. The eleven letters which contain these references are not easily available for research. Now the pertinent lines appear for the first time in Portuguese, together with some parts of those documents which elucidate the circumstances in which they were written, both the growing persecution in France and Calvin’s decreasing health.

KEYWORDS

Antarctic France; Huguenots; Reformed Church; Calvin; Richier; Char-tier persecution.